nhos idôneos aqui invocados, falam mais alto do que a simples tradição lendária e tanta luz projetam sôbre o assunto, que sôbre êles nada mais há a respigar.

Dona Vitória Rodrigues da Câmara, "mulher nobre", espôsa do rico capitão-mor Pedro da Rocha Franco, através dos onze filhos do casal, espalhou pelos sertões do norte do Ceará, grande e ilustre geração, da qual aqui destaco o meu dileto amigo professor Hugo Catunda Fontenele, membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, o meu saudoso amigo Antônio de Carvalho Rocha (Tonico), e as excelentíssimas espôsas dos deputados Guilherme Gouveia e Murilo Aguiar, dos quais me honro de ter sido colega na Assembléia Legislativa do Estado.

O IRREQUIETO VERDEIXA

GOMES DE FREITAS

Pela lei provincial N.º 42, de 20 de setembro de 1837, foi criada uma cadeira de Gramática Latina, na vila de S. João do Príncipe, com o estipêndio anual de 400$00, (na nova moeda quarenta centavos); e para provê-la, 4 anos depois, foi nomeado o trêfego e temido pe. Verdeixa, pelo Presidente da Província, Joaquim José Coelho, o qual ao professor recém-nomeado dirigiu dois ofícios que recomendava terminantemente: "Siga para a vila de S. João do Príncipe a preencher as funções da aula de Latim, sem a menor demora, certo de que não admito desculpa."

Ao tomar conhecimento do ato do governante do Ceará, a Câmara da metrópole dos Inhamuns deliberou manifestar o seu desagrado pela desastrosa escolha do irrequieto sacerdote, em ofício datado de 10 de julho de 1841 com o seguinte teor: "Temos a satisfação de receber o ofício de V. Exc. de 28 de maio pp. acompanhado da cópia da Portaria pela qual contava o pe. Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa nomeado professor de Latim desta Vila, cuja nomeação devia ser satisfatória, por se conhecer quanto é util aos habitantes dêste Município, e mormente pelas intenções benfazejas de V. Exc. foi que assim deliberou, porém esta Câmara preenchendo-se do seu dever com antecipação prevenir alguns inconvenientes que é de esperar, e muito principalmente quando alcança alguns receios nos Povos, por haver cabal conhecimento dos barulhos que aquêle Padre tem causado em todos os lugares onde tem existido, por isso requizitamos a V. Exc. a remoção daquele Padre, mandando-nos outro que em tudo desempenhe o seu dever", etc. O documento está

firmado pelo presidente da Câmara de Tauá, Francisco Pereira Mala, e subscrito pelos vereadores: João Leopoldo de Araújo Chaves, Joaquim de Sousa Rêgo, José Rodrigues de Matos Pereira e Antônio Martins Chaves.

Um indesejável, o pe. Verdeixa, natural do Crato, de origem clandestina, pois que fruto de uma união ilícita, foi em tôda sua vida autêntico representante da malignidade. A nossa referência no que tange à sua origem espúria, não o diminui ou humilha, nem tampouco macula seus pais, porque acasalados sem vínculos. Estou seguro neste ponto de vista, que se arrima na opinião de uma das mais altas, dignas e cultas autoridades do catolicismo. Quero me referir a Laniez, lume da Igreja que tem para com os casais sem publicidade prescrita na lei, palavras de indulgência, assim informa Rui: — "Laniez mesmo, teólogo do Papa e Geral dos Jesuítas, equiparou os casamentos clandestinos ao do primeiro homem, não descobrindo nada de mau em si, nessas alianças."

Não se pode, pois, incriminar a pernambucana Feliciana, mãe de Verdeixa, pela maneira de como o botou no mundo. A êle, sim, é que cabe ùnicamente a culpa, pois Verdeixa, pelas suas ações pérfidas e pela sua vida turbulenta, foi que se expôs à malquerença pública.

João Brígido, o Barão de Studart e outros historiadores cearenses marcaram com ferro em brasa a sua passagem pela terra, como legítimo precursor do Anticristo, sempre infatigável na faina de caluniar e injuriar, em missão diabólica, distribuindo com que encontrava e por onde passasse a inquietação, o ódio, a intriga e a maldade. Ainda hoje se recordam, na tradição dos mais velhos, as suas traquinagens e extravagâncias.

João Brígido citado, um dos seus biógrafos, dedicou-lhe muitas páginas de seu livro **Ceará — Lado Cômico** com narrações de suas malfeitorias, mas o cintilante cronista não contou uma das mais interessantes diabrites cometidas por Verdeixa que ocorreu por ocasião de sua viagem, para o Aracati, tendo passagem forçada por Russas, em cuja localidade foi encontrar quase à morte, uma parturiente. Chamado para conferir a extrema-unção à aludida moribunda, logo lhe veio a idéia de salvá-la das garras da morte, em troca de uma ração para sua cavalgadura, e frugal refeição pra si próprio. Em execução do plano, incontinenti, sôbre o peito da mulher pôs um amuleto, isto é, um projeto maleável costurado num retalho de pano ordinário. Depois de algum tempo a parturiente, sugestionada, sentiu-se livre das dores que a afligiam e delivrou-se em paz dando mil graças ao amuleto confeccionado pelas mãos profanas do dissoluto Verdeixa, que logo se viu bem recompensado; lá fora, debaixo da latada, Alazão triturava dois litros de milho, enquanto seu dono, o fazedor de milagres, sentado à mesa do matuto de Russas, com intemperança, dilacerava uma galinha gorda. O padre, saciada a fome,

satisfeito, foi-se embora e mais satisfeito ainda ficaram os donos da casa que, aguçados pela curiosidade de conhecer o segrêdo da relíquia salvadora, resolveram abrir o saquinho para ver o que nêle se continha, e, lá estava um pequeno pedaço de papel almaço com os seguintes dizeres: — "Passando bem, eu e o meu cavalo alazão, pouco importa que esta égua pára ou não."

Era assim o famoso padre Verdeixa, que a Câmara de S. João do Príncipe repeliu, acautelando-se contra a ação maléfica do sacerdote irrequieto e bulhento.

ÍNDIA JUCÁ, BISAVÓ DO PADRE CÍCERO

GOMES DE FREITAS

Foi com especial agrado que recebi do Revdmo. Padre Azarias Sobreira uma carta na qual me solicita informes sôbre a origem amerindia do falecido padre Cícero Romão Batista, e, por isso, é com igual satisfação que, atendendo ao seu apêlo, aqui resumo alguns dados atinentes ao assunto.

O linhagista Leonardo Feitosa, que também é autor de um alentado trabalho versando a genealogia da família Feitosa, afirma, em seu artigo — "O Padre Cícero e a sua genealogia", publicada em **O Povo**, edição de 7 de agôsto de 1934, entre outras coisas, o seguinte: — "Morava na Fazenda Várzea da Onça, no alto do Rio do Jucá, abaixo da povoação do Cococi, duas léguas de sesmaria, e para os lados de uma serrinha, que fica próxima àquela fazenda, uma índia da aldeia dos índios Jucás. Essa índia, já domesticada, tornou-se mulher da vida alegre, e teve seis filhos."

Não mencionou o nome da gentia, mas afirmou que a avó materna do taumaturgo do Juàzeiro era filha dessa mãe solteira, o que evidentemente é um equívoco.

Preliminarmente, aceito a intenção honesta de Leonardo, porque reconheço que as fontes em que se abeberou não são puras, como se prova à luz dos documentos abaixo citados. Todavia julgou de leve em afirmar a existência de um labéu que não procedia. Aliás, neste ponto, a pobre índia não foi a única vítima no sistema de narrar do ilustre filho de Arneirós.

Leonardo Feitosa, reportando-se aos filhos de João Cavalcante, casado com d. Maria Vieira, do Rio de Baixo, filha do 1.º matrimônio do coronel Francisco Alves Feitosa, diz que — "Não há tradição de casamentos dêstes dois últimos, porém há documentos verdadeiros que mencionam filhos de ambos, conforme oportunamente trataremos." (**Tratado Genealógico da Família Feitosa**, pág. 11.)

Eis uma prova de que o velho sabedor de histórias não pisava firme neste terreno, pois, Manuel Alves Feitosa, um dos dois, a que se referiu Leonardo, foi casado com Isabel, filha de Gabriel de Morais Rêgo, do S. Gonçalo dos Anjinhos, tendo suas bodas sido celebradas com solenidade, a ela comparecendo o seu cunhado, Arnau de Olanda Correa, capitão-mor do Crato, cujo lançamento se acha no Livro de Casamentos n.º 1, da Freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da Ribeira dos Inhamuns, para os anos 1756-1770, fls. 119, existente no Arquivo da Diocese de Iguatu e cópia em mãos do juiz Carlos Feitosa.

Aliás, já tenho acentuado que os trabalhos que se arrimam em simples tradição, por sua própria origem, são susceptíveis de erros e de equívocos, visto como acontece que algumas vêzes a narrativa de um episódio ou a informação de um fato, com o correr dos tempos chega, até nós, já deturpada, e daí perder o caráter de autenticidade. Mas, nem por isto mesmo, não deve o tradicionalista apontar uma nódoa sem ter prova cabal.

Para satisfazer a curiosidade do ilustre historiador padre Azarias Sobreira, sei que a bisavó do Patriarca do Juàzeiro chamava-se Ana de Faria, era gente do mato, mas não procedia de bastardia, pois que era filha de um casal de índios que desfrutava, pela catequese, os benéficos efeitos da civilização cristã.

Tendo vindo ao mundo em 23 de agôsto de 1778, recebeu a 20 do mês seguinte na pia batismal da Igrejinha de Cococi o nome de sua mãe, isto é, Ana, sendo seu padrinho José de Araújo Chaves, da Carrapateira. (Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Paz, dos Inhamuns, para os anos de 1771-1793, cópia pertencente ao juiz Carlos Feitosa, fls. 6 verso e 7, n.º 25, extraído do original existente na Diocese de Iguatu).

Acatados no meio social em que viveram, os pais de Ana de Faria gozavam da amizade dos grandes vultos da terra, tanto assim que, por ocasião do casamento dêles, realizado em 13 de junho de 1764, à cerimônia celebrada na dita Capela de Cococi compareceram as mais altas figuras da região, tendo por testemunhas o intimorato coronel Francisco Alves Feitosa, e seu filho, o não menos famoso coronel Manuel Ferreira Ferro, que foi Comandante do Regimento de Cavalaria dos Inhamuns.

De comprovadas paternidades legítimas, eram os trisavós do padre Cícero, sendo João Ferreira da Mota proveniente de Faustino da Mota e de sua espôsa Bernarda Vieira; e Ana de Faria (a matrona), filha do casal João de Sousa e Ângela. (Livro n.º 1 de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da Ribeira dos Inhamuns, para os anos 1756-1770, fls. 94, e cópia do mesmo em poder do juiz Carlos Feitosa, fls. 81 e verso, n.º 217).

Ana de Faria, a filha, matrimoniou-se com José Gomes de Melo e gerou Vicência Gomes, e esta se casou com José Ferreira Castão,

gerando d. Joaquina Vicência Romana, de alcunha dona Quinô, a genitora do padre Cícero.

O apreciado historiador padre Azarias, em sua missiva, ainda me fêz a seguinte confissão: — "O padre Cícero gostava realmente de dizer que a sua bisavó materna havia sido pegada a dente de cachorro, pertencente que era a uma das tribos ameríndias." Ora, essa história de índia caçada pelos brancos em correrias com auxílio de cães, tornou-se uma maneira corriqueira, mas fantasiosa, de se revelar as nossas origens brasílicas.

É um modo galhofeiro de se reportar aos nossos antepassados silvícolas, que cooperaram fortemente na formação genética da nossa raça. Haja visto que o grande brasileiro José Maria Alkimim, que foi Vice-Presidente da República no Govêrno do marechal Castelo Branco, comprazia-se em dizer que os seus ancestrais devoraram o bispo Pero Fernandes Sardinha. (**Correio do Ceará**, edição de 15 de abril de 1968, pág. 1.ª)

Eis a razão por que o padre Cícero, e, até, outros homens notáveis, com a preocupação única de salientar as suas origens ameríndias, se referem ao fato, recordando aquela história de avós pegadas a dente de cachorro...

Em prosseguimento de minhas pesquisas em tôrno dessa avó do padre Cícero, busco os ascendentes mais recuados dessa não menos famosa índia Micaela Jorge, para o que no momento rebusco o — "LIVRO UNIVERSAL EM QUE SE AXÃO LANÇADOS JÚNTOS BAPTIZAMENTOS, CAZAMENTOS E MORTES DESDE O ANO DE 1755 ATTÉ 1808", pertencente à Missão do Jucá, ora na Diocese de Iguatu, em cópia do juiz Carlos Feitosa.

Finalizando, desejo ainda evidenciar que o sangue vermelho do gentio Jucá borbulha nas veias de personalidades ilustres, como já acentuei quando tratei dos descendentes de Micaela, apontando os nomes de Venceslau Braz, ex-Presidente da República, Araújo Lima, ex-Ministro da Guerra, Félix Pacheco, ex-Ministro do Exterior, Matos Peixoto, ex-Presidente do Ceará, João Luís Ferreira, ex-Governador do Piauí, Wilson Gonçalves e Vicente Bezerra Neto, Senadores da República, Vicente Augusto, Paes de Andrade e Joaquim de Figueirêdo Correia, Deputados Federais, em meu trabalho — "O MORGADO DA CASA DO UMBUZEIRO", sendo, pois, o padre Cícero mais um rebento da valorosa Nação do Jucá, que se projetou socialmente no País.

O PRESBITERIANISMO NO NORDESTE

Há 15 de janeiro de 1873 chegava à cidade do Recife, onde instalou o seu quartel-general, o Dr. John Rockwell Smith, o pioneiro do presbiterianismo no Nordeste do Brasil. Desta época para cá data a organi-

zação das primeiras igrejas no Nordeste, sendo Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas o seu primeiro campo de ação.

No Ceará, em particular, o rev. De Lacy Vardlaw, que aqui aportou a 27 de setembro de 1882, foi o seu pioneiro.

Os primeiros convertidos em Fortaleza ao Evangelho o foram em 8 de julho de 1883. A 6 de agôsto de 1890 foi organizada a primeira Igreja. No dia 12 de outubro era lançada a pedra fundamental do seu templo, localizado na Rua Conde D'eu, próximo ao Palácio da Luz. Fortaleza foi centro irradiador do presbiterianismo no Ceará.

Em seguida as atividades presbiterianas se estenderam à hinterlândia, onde, não obstante a grande reação de certos fanáticos católicos, os evangelistas conseguiram instalar outros templos. Certa vez em Baturité puseram areia na comida do rev. Wardlaw, quando já se encontrava à mesa para comer.

E assim diversas foram as formas de perseguições que sofreram os primeiros cristãos protestantes no início de suas pregações em solo cearense.

Estas as datas magnas da Igreja Presbiteriana no Ceará, assim assinalou o falecido pastor Natanael Cortez: a) 1875 — a visita do Dr. Smith a Fortaleza; b) 1881 — chegada do leigo João Mendes Pereira Guerra; c) José de Sousa Melo, o primeiro converso; d) 1882 — chega a Fortaleza o rev. Wardlaw, no dia 27 de setembro, domingo. Prega à noite na Pensão Rendal onde se hospedou, Praça dos Mártires; e) 8 de julho de 1883 — o rev. Wardlaw batiza os 13 primeiros conversos em Fortaleza; f) estende-se a Baturité, Aracoiaba, Pedra Aguda e Guaramiranga a pregação do Evangelho; g) organização da Igreja em 6 de agôsto de 1890; h) em 1896 chega o Dr. Bayard, médico e missionário que substituiu o rev. Wardlaw; i) a 12 de outubro de 1898 começa a construção do templo da Rua Conde D'Eu; j) retira-se para os Estados Unidos, em 1902, o rev. Wardlaw; k) instala-se a Congregação de Senador Pompeu, em 1904; l) ministros nacionais em Fortaleza: Martinho de Oliveira, Juventinho Marinho, Jerônimo Gueiros e Alfredo Ferreira; m) por motivo de doença parte para os Estados Unidos o Dr. Bayard, onde faleceu em 1907; n) os pastôres da Igreja a partir de 1907 até 1915: rev. Antônio Almeida e rev. Raimundo Bezerra Lima; o) interrupção dos trabalhos da missão presbiteriana no norte do Ceará em virtude da morte do Dr. Bayard; p) em 1915 começa o pastorado o rev. Natanael Cortez, em Fortaleza e no interior, que vai até o fim de 1952, ou seja, 27 anos de trabalho como pastor e evangelista.

Eis, em resumo, a história da Missão Presbiteriana no Ceará.

(O Povo — 6/VIII/1968).